

## **A máquina e a produção do sentido: o ciberespaço como desafio contemporâneo**

**Silvana Drumond Monteiro**

*Universidade Estadual de Londrina (UEL), Brasil. E-mail: silvanadrumond@gmail.com*

**Benjamin Luiz Franklin**

*Universidade Estadual de Londrina (UEL), Brasil. E-mail: belfra@gmail.com*

### **Resumo**

A partir de reflexões, em que associamos o estabelecimento da máquina contemporânea como uma forma de estruturalidade sem significação – e o estabelecimento de uma predominância de hibridismo na organização da experiência sensível – pretendemos agora entender, em maiores detalhes, como o sentido é agenciado em sua manifestação técnica atual. Nessa direção examinamos, primeiramente, a predominância da linguagem na constituição da máquina clássica e moderna na produção de sentido; em seguida, buscamos entender como as máquinas contemporâneas, resumidas pela virtualidade e pervasividade da máquina de *Turing*, operam algoritmos como forma de significação. Concluimos, com esse contraste, que a máquina contemporânea atualizada pelo ciberespaço está ancorada em operações fundamentalmente diferentes da máquina clássica e moderna, produzindo uma nova ordem de operações, mais radicais e inclusivas – a ponto da dispensa da produção de sentido, como praticada anteriormente. Essa conclusão, no entanto, longe de estabilizar os rumos de nossa pesquisa, abre novos e inesperados caminhos, que devem ser tratados à compreensão da pragmática da linguagem no ciberespaço.

**Palavras-Chave:** Ciberespaço. Produção de Sentido. Conceito de Máquina. Filosofia da Linguagem.

---

### **1 Introdução**

Entender a complexidade dos agenciamentos do “sentido” na sociedade requer compreender um pouco das máquinas clássicas, modernas e das contemporâneas, em suas diferenças quanto ao agenciamento discursivo e sua prerrogativa de formulação de sentido de mundo. Essa reflexão, sabidamente complexa e breve, indica que o ser humano, desde sempre, trouxe consigo uma maquinaria simbólica e de acordo com Santaella (2007), depois da fala, vieram as escritas e todas as máquinas de produção de signos. Para fixar um ponto de interconexão à inteligibilidade do artigo, estabelecemos de chofre que as três máquinas versam sobre a escrita, entretanto profundamente afetadas pelas tecnologias que lhe dão consistência e

tornam os agenciamentos possíveis.

Essa discussão remete à Filosofia (da linguagem), à Antropologia e à Semiótica, porque envolve as relações amalgamadas entre os sujeitos, signos e técnicas. Tais relações têm implicações na sociedade e na cultura, no que denominamos doravante como agenciamentos do sentido de corpos sociais.

Uma característica ou efeito da linguagem verbal é o fechamento em direção ao sentido universal, à estabilidade do sistema linguístico que é viabilizado pelo que Deleuze com Foucault (DELEUZE, 1990) chamam de dispositivo, um componente invisível vindo das relações de poder que plasmam os engates possíveis, as formas legítimas de circulação dos discursos e dos corpos, do saber e da sexualidade, em suma, de uma

metaestabilidade do sentido, por assim dizer. Assim, fica destacado que nenhuma interrogação sobre o presente está livre de um dispositivo que o caracteriza e lhe fornece um conjunto de possíveis (CARDOSO, 1995).

Essa estabilização do sentido, no entanto, se pensada por um ato de legitimação, só pode ser estabelecida pela institucionalização de um discurso, como elemento fundamental para constituição de um sentido, especialmente na modernidade, e está condicionada às formas legítimas de verbalização, formas visíveis do agenciamento<sup>1</sup> dos corpos sociais.

Enquanto os dispositivos permanecem invisíveis, em sua forma de constituição de poder, as suas formas visíveis, que devem operar diretamente na constituição de sentidos, nas verbalizações autorizadas e na metaestabilidade forçada dos universais, aparecem em formulações técnicas, nas escrituras da lei e no funcionamento das burocracias, ou seja, nos discursos de corpos sociais, incluindo aí suas tecnologias.

É precisamente, como definiremos de forma rápida – e sabidamente insuficiente – neste trabalho, o conceito de *máquina*, quer dizer: o lado visível dos dispositivos, que estabiliza a produção de universais - o contorno visível daquilo que torna os sentidos possíveis.

Nossa premissa é de que, em resumo, as máquinas sejam uma forma visível dos dispositivos que fundamentam uma sociedade, ou seja, maneiras de regulamentar e organizar a experiência sensível dos corpos, por meio dos signos. Conforme esses dispositivos mudem, mudam-se também suas formas visíveis – os objetos técnicos – que lhes oferecem um

conjunto de possíveis para essa organização.

O conceito de máquina, mais que uma metáfora, contempla os agenciamentos maquínicos ou sociotécnicos e produz os sentidos existentes na sociedade, em várias temporalidades da escrita e da tecnologia. Ferreira (2004) defende, em sua ontologia maquínica, que homens e ferramentas são peças heterogêneas de máquinas sociais. Ainda, o conceito de máquina, para a Filosofia da linguagem, implica pensar qual máquina é resultante da junção de determinado corpo social e suas semióticas, incluindo as tecnologias.

Nas próximas seções, primeiramente, explicaremos a não dissociação entre o signo e o sentido, tomando sua publicidade e legitimidade (por meio dos discursos e das leis) como material indispensável para o estabelecimento de um sentido. Em um segundo momento, associaremos essa produção de sentido a diferentes formas lógicas de articulação verbal, abrindo caminho para a compreensão dos três diferentes tipos de máquinas que destacamos, neste trabalho.

Por fim, apontaremos a produção de sentido na máquina contemporânea, que associaremos à máquina de *Turing* como embrião das máquinas que a sucederam e o conceito de ciberespaço como atualização e sua forma particular de articulação sígnica, já que o ciberespaço é a máquina contemporânea de exploração de todas as formas simbólicas e de produção do sentido.

## 2 Os agenciamentos maquínicos da linguagem

Já estabelecemos, na introdução, a relação das máquinas com os signos. Inclusive, essa ligação tem sido a marca epistemológica de nossas reflexões, em especial, sobre o amálgama dos signos, máquinas e homens.

Dessa relação deriva o sujeito

<sup>1</sup> Vale observar que Deleuze e Guattari (em vários volumes, 1995) chamam nossos movimentos no mundo de agenciamentos e são constituídos de: a) agenciamentos maquínicos de corpos (corpos treinados, dóceis e disciplinados); b) agenciamentos de ordem em circulação na sociedade num momento específico (MOSTAFA; MONTEIRO, 2013, p. 65).

informacional, múltiplo, participe de agenciamentos que envolvam entidades sociotécnicas. É dessa teia imbricada, entre seres, signos e máquinas, que discutiremos alguns dos efeitos de sentido característicos no regime de cada máquina: a clássica, a moderna e a contemporânea, procurando enfatizar, de acordo com Deleuze e Guattari (1995, v.1) e Lévy (2000a, 2000b), a pragmática da linguagem na sociedade, pois para Ferreira (2004, p. 6) pensar “A forma como pessoas, objetos, animais, signos e movimentos são maquinados em cada sociedade, confere-lhe sua singularidade de funcionamento.” Em que se pese a tessitura epistêmica complexa da máquina, tentaremos estabelecer algumas relações nas próximas seções, a partir dos agenciamentos maquinicos provenientes das articulações da escrita.

## **2.1 A Matriz da Máquina Clássica e a Máquina Moderna de Produção de Sentido**

Estabeleceremos, então, que a máquina clássica é uma herança do pensamento grego, principalmente aristotélico, e suas regras fundamentais do discurso são a identidade, a não contradição e o princípio do terceiro excluído.

O mecanismo clássico, que implica a forma aristotélica de pensar a organização de conceitos, pede pelo ordenamento dos gêneros e das espécies como uma relação substancial de pertencimento, uma forma de ordenação que implica a substancialização dos entes, e conforme Piedade (1977), uma relação com o sujeito último da predicação, ou, em última análise, uma condição final de predicação, para além da qual o ser deixaria de sê-lo.

Para Eco (2013), essa herança grega funda a ideia de cadeia unidirecional de explicação do mundo e de racionalidade ocidental. A escrita, nesse contexto, é a máquina que confere e legitima o modo lógico de pensamento clássico e reafirma a

linearidade e a organização do conhecimento no mundo moderno.

A máquina clássica, dessa forma, imprime à experiência humana essa condição de identidade aos objetos, viabilizando-os através do significante “despótico”. A grande máquina de produção de sentidos do mundo ocidental foi, até agora, a escrita, com sua articulação estável da gramática e semântica, suas fórmulas estáveis de produção discursiva, uma fábrica bem montada de textos possíveis.

De acordo com Deleuze e Guattari (1995, v.1), é aquilo que fundamentou e potencializou, na modernidade, o livro raiz, hierárquico que fornece um significante “despótico” idealizado pela escrita, uma vez que sua interpretação pelos escribas e pelos sacerdotes fixa o significado e fornece novamente outro signo. Existe a remissão perpétua do signo ao signo, é a dobra (e o pensamento dipolo) mais simples da significação, a dobra saussuriana: significante/significado.

A escrita, para Lévy (2000a), é a primeira máquina de produção de universal: “O universal é filho da escrita.” (2000b, p. 160). O universal da escrita consolida-se, assim, por meio da identidade do sentido único, ou seja, por meio de unidades estabilizadas, o significado produzido pela arte da hermenêutica. Foi justamente essa identidade única que, para Lévy (2000a), conferiu ao universal a característica de “totalizante”, pois fechar o sentido de uma pluralidade de discursos, situação, conjunto de acontecimentos, etc., é o mesmo que totalizar o sentido, e levou à noção de universalidade, pois:

No universal fundado pela escrita, aquilo que deve se manter imutável pelas interpretações, traduções, difusões, conservações, é o sentido. O significado da mensagem deve ser o mesmo em toda parte, hoje e no passado. Este universal é indissociável de uma visada de fechamento semântico. Seu esforço

de totalização luta contra a pluralidade aberta dos contextos atravessados pelas mensagens, contra a diversidade das comunidades que os fazem circular. Da invenção da escrita decorrem as exigências muito especiais da descontextualização dos discursos. A partir desse acontecimento, o domínio englobante do significado, a pretensão ao ‘todo’, a tentativa de instaurar em todos os lugares o mesmo sentido (ou na ciência, a mesma exatidão) encontra-se, para nós, associados ao universal. (LÉVY, 2000a, p. 115-16).

Na visão de Guattari (1992, p. 60), a energia, o capital, a informação e o significante são algumas categorias que “[...] nos fazem acreditar na homogeneidade ontológica dos referentes biológicos, etológicos, econômicos, fonológicos, escriturais, musicais, etc.”

De que maneira isso ocorreria? Essas categorias envolvem, delimitam os objetos de tal forma a sempre criar o existente, dessingularizando e homogeneizando o processo criativo.

A fala, quando crivada pela Semiótica escritural, ancora-se na ordem da lei, do controle dos fatos, gestos e sentimentos. O significante, nesse contexto, seria o unificador de todas as economias expressivas: a língua, o ícone, o gesto, o urbanismo, o cinema e outras modalidades de linguagem, uma vez que postula uma “traduzibilidade” geral de todas as formas de discurso (GUATTARI, 1992).

Essa “homogeneização ontológica” não seria possível na vida clássica. Foi preciso uma mudança lógica. O ordenamento dos entes, os mecanismos de disposição das relações entre gênero e espécie, entre aquilo que era geral e o específico, cedeu da força viva da pessoalidade para a mudeza das regras escritas, da burocracia e, por fim, da comprovação pública pela experimentação da lei natural, antes inexistente na vida clássica, com o método científico.

Na máquina moderna, pois, a

estabilidade linguística dá-se pela instituição impessoal, burocrática, universal, previsível e disciplinada das singularidades, promovendo a circulação social a um conjunto de possíveis a ser tolerados na transição pelo reino unificado, conforme detalhamos em trabalhos anteriores (FRANKLIN; MONTEIRO; DELLA FLORA; VIGNOLI, 2013).

Nesse sentido, para Lévy (2000b, p. 160), a escrita é, ao mesmo tempo, uma tecnologia, uma linguagem e uma religião (as Escrituras Sagradas, os textos sagrados, a Lei etc.), “Com a escrita, vimos Deus, a ideia abstrata universal de Deus [...]”

Lembremos que a modernidade é instaurada com a invenção do mundo natural, ou seja, uma ordem no mundo que poderia ser decifrada matematicamente, por intermédio de experimentos viabilizados pelo uso público da Razão. Havia um código na natureza que poderia ser decifrado por todos portadores da Razão. Outra escrita, outra máquina em outro universal, unificaria a todos, então, pela economia do significante.

Derrida (1988, p. 19), do ponto de vista da linguagem, explica as características dessa escrita, mas especificamente a questão da ausência, seja do destinatário, seja do autor, que reforça, ou antes, é resultante da “marca” do signo, pois:

A possibilidade de repetir e, de identificar as marcas está implicada em todo código, faz deste uma grade comunicável, transmissível, decifrável, iterável por um terceiro, depois para todo usuário possível em geral. Toda escrita deve, pois, para ser o que ela é poder funcionar na ausência radical de todo destinatário empiricamente determinado em geral.

Então, para que a comunicação escrita permaneça legível, apesar da ausência do destinatário, é necessário que ela apresente a possibilidade de identificar as marcas, a repetição, que seja capaz de estruturalmente ser legível, para além da

morte do destinatário.<sup>2</sup> Na modernidade, essa legibilidade passou por uma transformação, no sentido de encontrar sua estabilidade nos entornos de um universal científico, impessoal e natural. O mesmo vale para o autor, pois escrever é produzir uma marca que produzirá uma espécie de máquina que garantirá, mesmo com a ausência do autor, a legibilidade do signo. Desse modo, a escrita comporta algumas características que nos levam à questão do sentido, a saber:

1. um signo escrito é uma marca que permanece, que não se esgota no presente de sua inscrição e pode dar lugar a uma iteração na ausência e além da presença do sujeito;
2. um signo escrito comporta uma força de ruptura com seu contexto, isto é, o conjunto das presenças que o organizaram no momento de sua inscrição. Essa força de ruptura, antes de ser uma característica ou predicado, é a própria estrutura do escrito;
3. a força de ruptura marca o espaçamento que constitui o signo escrito, que separa o autor dos outros elementos da cadeia contextual do escrito. Esse espaçamento não é a simples negatividade, mas o surgimento da marca. (DERRIDA, 1988, p. 21).

Essa ruptura, ao mesmo tempo em que permite a ausência, ou é consequência dela, instaura as cadeias de marcas que se dão à significação, extraindo a experiência da pura presença dos agentes na comunicação e potencializa a efetivação de universais na sociedade.

Se essas significações se abalam, se as identidades se perdem, a ordem também se perde. Eis por que, em Deleuze (1998), para manter essa ordem, o último recurso

---

<sup>2</sup> Para Derrida, essa ausência não é uma simples modificação de presença, mas antes, uma ruptura, a morte (ou possibilidade desta) do destinatário, inscrita na estrutura da marca. É justamente nesse ponto que o efeito de “transcendentalidade” liga a escrita à morte. Nesse contexto, surge o “significado transcendental”, que é aquele imune à passagem do tempo e acima de qualquer viés de interpretação. (Ver DERRIDA, 1973).

da linguagem parece ser o de identificar o sentido com a significação.<sup>3</sup>

Assim, a linguagem verbal escrita opera por determinações de significação: manifesta pessoas e relaciona nomes, designa objetos, classes, propriedades e significados de conceitos gerais ou universais, segundo uma ordem fixa. A linguagem parece impossível fora do sujeito – recém-inventado na modernidade – que se exprime ou se manifesta nela e, ainda a linguagem não parece possível fora de tais identidades que designa.

## 2.2 A Máquina Contemporânea: *Turing* como protomáquina de virtuais

Para seguirmos em nossa argumentação, precisaremos entender a máquina que originou, teoricamente falando, a máquina contemporânea: a máquina de *Turing*.

Tentaremos, nesta seção, explicar porque essa nova máquina é tão diferente da máquina clássica e moderna, no sentido, justamente, de sua articulação com os signos para a legitimação e operação de sentidos.

A máquinas clássica, como vimos, implica não apenas um modelo geral, mas uma formulação que se preocupa com equações de sentido, mesmo que seja o embrião para um modelo completamente formal – e portanto independente do conteúdo de suas predicções – é uma máquina de silogismos que promove formas gramaticais de ordenamentos de propriedades do tipo: “Seja (a) um objeto real e P um de seus aspectos. Escreveremos P(a) para dizer que (a) tem um aspecto P.” (SILVA, 2007, p. 58). A máquina moderna, por sua vez, promove os mesmos silogismos, mas por meio do sujeito da ciência (MILNER, 1996), em

---

<sup>3</sup> Em “Lógica do Sentido”, Deleuze (1998) diferencia o sentido de significado, na ordenação da linguagem, sendo o sentido relacionado às concepções estoicas da linguagem, que contemplam os acontecimentos e o verbo, e o significado às estruturas convencionais da Filosofia clássica de herança platônica e aristotélica.

uma voz impessoal, que procura encontrar as suas consequências predicativas no mundo natural.

A máquina de *Turing* pede algo mais radical, sem sentido, sem conteúdo, em direção à pura formalidade podendo unificar os objetos pelo prisma da mesma substancialidade, que tornaria toda operação do sentido equivalente e retiraria das máquinas sua interioridade<sup>4</sup>.

Alan *Turing* provaria, com sua máquina, que é possível não apenas automatizar qualquer cálculo de algoritmos computáveis e transformá-lo em um código, mas para além disso, que seria possível inserir os códigos derivados dessas máquinas e executá-los em outra máquina de *Turing*, criando, assim, uma máquina de execução de outras máquinas – uma metamáquina, que inauguraria a hoje clássica divisão entre *hardware* e *software* (LEAVITT, 2007).

A máquina de *Turing*, devemos lembrar, é um modelo abstrato, protótipo teórico e não uma implementação física, mas forneceu os conceitos fundamentais para a existência prática dos modernos computadores digitais.

O ponto a ser destacado é que ela comporta-se como um leitor universal, ou seja, muda sua funcionalidade conforme o código que opera. Se podemos esperar que um texto tenha diferentes exegeses para cada leitor humano, com um mecanismo de legitimação de sentidos, e que, na modernidade, as máquinas se caracterizavam por diferentes interioridades, na máquina de *Turing* existe a leitura objetiva de códigos, além da esperança de que esses produzam sempre os mesmos resultados, mesmo de forma

---

<sup>4</sup> A máquina de *Turing* é um dispositivo teórico, conhecido como máquina universal, que foi concebido pelo matemático britânico Alan *Turing* (1912-1954), muitos anos antes de existirem os modernos computadores digitais (o artigo de referência foi publicado em 1936). Num sentido preciso, é um modelo abstrato de um computador, que se restringe apenas aos aspectos lógicos do seu funcionamento (memória, estados e transições) e não a sua implementação física (HODGES, 1995).

indeterminada.

Se a máquina clássica e a moderna antes estavam confinadas a sua própria identidade enquanto função, seguindo operações compatíveis com os sistemas de inferências aristotélicas – unindo verbalmente sujeitos a predicados, ela ganhou, após *Turing*, novas virtualidades – no sentido atribuído à palavra latina *virtus* – como potência em tornar-se outras máquinas, executando a leitura de outros códigos. Notemos que a virada linguística, vivida pela filosofia no século XX, não ocorreu apenas na Filosofia, mas também em sua operação técnica, assumindo a estreita ligação entre linguagem e tecnologia, já detalhada em trabalhos anteriores (FRANKLIN; BRAIDA, 2011; FRANKLIN; MONTEIRO, 2012).

A distinção fundamental entre *hardware* e *software*, operada por *Turing*, em sua máquina, foi um golpe emblemático da modernidade na criação de uma máquina que pudesse emular outras máquinas, desde que fosse alimentada com um projeto, com a escritura apropriada: o *software*. O *hardware*, ou seja, o leitor universal das escrituras da modernidade cumpre seu papel de minimizar o rugido das máquinas reais, criando um modelo mais geral de operação da Lógica (TEIXEIRA, 1998).

A realização de *Turing* sobre o estatuto da máquina criou um efetivo alfabeto radical em que tudo pode ser criado a partir da disjunção absoluta entre a ausência e presença, zero ou um, conforme as premissas do signo linguístico e o princípio de não-contradição (DELEUZE, 2000). Se na base do alfabeto binário temos uma separação ontológica radical, podemos derivar uma série de diferenças combinatórias que preservam o conteúdo das identidades binárias, ou seja, uma radicalização do modelo moderno, no qual as peças podem ser mudadas sem que o todo seja alterado.

Com a máquina moderna, criamos um duplo ideal da natureza, ou melhor,

semantizamos a natureza na máquina; mas, com a operação de *Turing*, inaugura-se a protomáquina de virtuais – um leitor livre de estados subjetivos em bases universais (LEAVIT, 2007). Em suma, o que as ferramentas de contiguidade do cálculo fizeram pelas ciências da Matemática, na modernidade, a máquina de *Turing* fez pela Gramática, na contemporaneidade, ou seja, propiciou um *continuum* entre os mecanismos de inferência, antes restritos a seus modelos de abstração, eliminando diferentes interioridades em operadores do mundo sensível, unificando, em um dialeto formal – o alfabeto que pensa –, o que havia de específico nas qualidades de cada mecanismo.

### 3 O Ciberespaço como desafio ao sentido

O ciberespaço, como atualização da máquina contemporânea, pertence a outra ordem de máquinas, a outra ordem de dispositivos.

Na contemporaneidade, os signos foram desterritorializados no ciberespaço, sob a égide de uma fisicalidade imaterial. O que era uma engrenagem, na sociedade disciplinar da máquina moderna, tornou-se uma escritura, um *software* com um leitor universal: o computador; e ainda sua virtualização: o ciberespaço<sup>5</sup>, como uma máquina apta a múltiplos e variados sentidos, justamente, como paradoxo da radicalização da estruturalidade computacional, conforme veremos.

Pensar o ciberespaço como uma radicalização de sua estruturalidade significa pensá-lo como superação da máquina lógica. Eis o paradoxo apresentado por Lévy (2000b): foi necessário reduzir tudo à lógica

computacional para, finalmente, escapar-lhe. Dessa forma, duas vertentes são apresentadas aqui sobre a máquina contemporânea: sua radicalização da estruturalidade a-significante (sem significações) ou a sua cibersemiótica, que libera para a produção de múltiplos sentidos. Na verdade, como veremos, não são ideias opostas, uma vez que a radicalização a-significante, sem centro, pode levar à segunda visão proposta por Lévy (2000b).

O ciberespaço é considerado uma rede de signos e pessoas, “[...] uma grande máquina abstrata, semiótica e social.” (MONTEIRO, 2007, p.15). Para Lévy (2000b, p.166), “O ciberespaço é uma espécie de objetivação ou de simulação da consciência humana global que afeta realmente essa consciência, exatamente como fizeram o fogo, a linguagem, a técnica, a religião, a arte e a escrita.”

Como uma versão ubíqua eterizada do computador, o ciberespaço é uma extensão da máquina de *Turing*, uma máquina algorítmica, e opera segundo um conjunto de instruções. Essas regras de operação, o que hoje pode ser entendido como *softwares*, são compostas de regras básicas de programação, os chamados – em linguagem técnica – controles de fluxo de operação, comuns nas linguagens de programação (ASCENCIO; CAMPOS, 2003).

São regras do tipo: faça repetidamente essa ação até que determinada configuração seja alcançada; se determinada variável tiver tal valor, então realize essa ou aquela instrução. São, em suma, sistemas de repetição e desvio de fluxo. Esse estilo minimalista de controle de fluxo, no entanto, resume a totalidade das máquinas possíveis na máquina de *Turing*, desdiferenciando-se em uma miríade infinita de combinações possíveis.

A repetição e o controle de fluxo, possíveis na máquina de *Turing*, são completamente alienígenas às máquinas

---

5 O termo *ciberespaço* foi criado por William Gibson em seu romance *Neuromancer*. Refere-se a uma alucinação consensual, porém no sentido do que Baudrillard chama de uma libertação dos signos de sua *ingenuidade* para os lançar na circulação pura (BAUDRILLARD, 1996, p.16).

anteriores, com suas regras gramaticais, tempos verbais e fluxos de leitura. A máquina de *Turing*, por certo, pode emular as máquinas predicativas, mas o faz de maneira a pairar para além do sentido que a caracteriza.

A era contemporânea não mudou a sua lógica de abstração, pelo contrário, apontou para formas de abstração ainda mais eficazes, com o uso da lógica e a digitalização do alfabeto. Na visão moderna, a realidade era dada por estruturalidades ditas universais, no mundo contemporâneo os estados subjetivos dessa operação foram gradualmente sendo denegados a uma realidade impessoal e puramente formal.

Enquanto a máquina moderna tinha um centro definido que distribuía funcionalidades, a máquina contemporânea se abstém de uma centralidade em favor de uma ampla reversibilidade de componentes. Se a máquina moderna pagava a semantização do mundo com a entropia, a máquina contemporânea padece de um não-sentido radical, como estrutura ideal.

Assim, Pereira (2000, *online*) segue afirmando que as significações no ciberespaço são tão novas que soam como não-significações, então, “*As não-significações* devem ser pensadas como [...] jogos de memória hipercomplexa, criativa, em ação no Ciberespaço.” (Grifos do autor).

A virtualização contínua da máquina, desde a sua concepção na Antiguidade até a sua época de reprodutibilidade técnica, por meio da revolução industrial, promove sua dissolução radical na lógica computacional. Por mais heterogêneas que sejam as formas lógicas disponíveis para a criação de estruturas narrativas, essas terão um protocolo em comum que possibilita a comunicação entre os objetos para além de um funcionalismo, sua *ambiência*, como destaca Baudrillard (2006).

Apesar de o ciberespaço carregar em si todas as máquinas lógicas, Lévy (2000b,

p. 156) acredita que “Graças às simulações que a máquina lógica finalmente realizada nos permite efetuar, exploramos a nova ciência da complexidade, do caos e dos processos não determinados.” Ao fazê-las (as simulações) com toda a sua potencialidade ou possibilidades de cálculo, nós podemos esquecer-la (a máquina lógica), de certo modo, para concentrar a inteligência na criatividade, na imaginação e nos sentidos.

Em que pesem as várias reflexões apontadas aqui, acerca da produção de sentido no ciberespaço e sua cibersemiótica, seja uma visão sobre a radicalização da estruturalidade dos códigos e signos, ou ainda, uma visão libertadora, algumas indagações são necessárias. Qual tipo de corpo social e discursividade estão sendo construídos na máquina contemporânea? Como a Ciência da Informação tem apropriado desses objetos em suas pesquisas? E em relação a sua *práxis* profissional na contemporaneidade?

#### 4 Considerações finais

A máquina contemporânea, como uma versão dispersa, ubíqua e pervasiva da máquina de *Turing*, opera a experiência sensível utilizando categorias sígnicas diferentes da máquina clássica, promotora de sentidos. O ciberespaço, como máquina contemporânea, é um dispositivo de produção de sentidos diversos. Assim, o acontecimento é a liberação da linguagem híbrida, mesmo que seja ainda o sentido uma atribuição subjetiva, isto é, forma humana de cognição (embora os agentes inteligentes e as tecnologias da Web Semântica já estejam trilhando nessa direção). O que está em reflexão como radicalização do contemporâneo é a máquina, por meio de um algoritmo, a tarefa de atribuição de sentidos, a partir de contextos linguísticos, ou seja, um modelo genérico e radical de estruturalidade.

A produção de sentidos neste modo de vida demanda novas operações de

compatibilização entre a fórmula clássica, moderna e contemporânea, na tarefa de produção ou significação dos acontecimentos: formas, linguagens e programas híbridos. Quais são essas formas, como se estabelecem e que consequências têm para a experiência humana são perguntas que devemos tentar empreender em pesquisas, assim como a compreensão mais detalhada do que venha a ser a nova máquina e quais demandas essa pretende oferecer.

Detectamos, neste trabalho, como a máquina contemporânea se liberta de um sentido único – mas afirma uma estruturalidade e um modelo comum de operação - e promove um campo mais radical, com múltiplos sentidos possíveis. Não obstante, a relação entre essa nova máquina, a multiplicidade e o possível continuam em devir. A agenda contemporânea solicita o desenvolvimento

de tecnologias que façam mineração dos dados e produzam sentidos: eis a emergência do *big data*.

Finalmente, acreditamos que, o ciberespaço se recusa a uma visão representacionista do mundo por todos os motivos supracitados e pela complexidade da Lógica e código computacional (embora intentemos fazê-lo, o tempo todo, seja na Representação ou na Organização do Conhecimento). Como investigadores, acreditamos que a Filosofia pragmática da linguagem (em suas várias manifestações) oferece o melhor modelo de funcionamento, agenciamento e produção do sentido nesse espaço. Enfim o artigo, em breves e densas reflexões, propõe repensar a relação dos signos com as tecnologias e em certo aspecto, os objetos da Ciência da Informação nesse contexto contemporâneo cibersemiótico que é o ciberespaço.

---

## ***The machine and the sense production: cyberspace as contemporary challenge***

### ***Abstract***

*From reflections in which we associate the establishment of the contemporary machine as a meaningless form of structurality, and the predominance of hybridism on organizing sense experience, we want now understand, in greater detail, how sense is touted in its current technical manifestation. In this direction we first examine the predominance of language in the constitution of classical and modern machine in the production of sense. Then, we seek to understand how contemporary machines, summarized by virtuality and pervasiveness of the Turing machine, operate algorithms as a way of signification. We conclude, upon this contrast, that the contemporary machine updated by cyberspace is anchored in operations fundamentally different from classical and modern machine. It produces a new order of operations, more radical and inclusive - to the point that it waives the production of sense, as previously practiced. This conclusion, however, far from stabilizing the course of our research, opens new and unexpected ways, which must be treated to understand the pragmatics of language in cyberspace.*

***Key-words:*** *Cyberspace. Machine concept. Sense production. Philosophy of language.*

---

### **Referências**

ASCENCIO, A. F.; CAMPOS, E. A.

*Fundamentos da programação de computadores*: Pearson Prentice Hall, 2003.

BAUDRILLARD, J. *O sistema dos objetos*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BAUDRILLARD, J. *A troca simbólica e a morte*. Loyola: São Paulo, 1996.

CARDOSO, I. de A. R. Foucault e a noção de acontecimento e a lei. *Tempo Social*: Ver. Soc. USP, São Paulo 7, n. 1/2, p. 53-66, out. 1995.

DELEUZE, G. *Diferença e repetição*. Lisboa: Relógio d' água, 2000.

DELEUZE, G. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

- DELEUZE, G. ¿Que és un dispositivo? In: - \_\_\_\_\_. *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Gedisa, 1990.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo, Ed. 34, 1995. v. 1.
- DERRIDA, J. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- DERRIDA, J. *Limited inc*. São Paulo: Papyrus, 1988.
- ECO, U. *Da árvore ao labirinto: estudos históricos sobre o signo e a interpretação*. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- FERREIRA, P. P. *Máquinas sociais: o filo maquínico e a Sociologia da tecnologia*. 2004. Disponível em: <[http://www.ifch.unicamp.br/cteme/txt/Pedro\\_ATP.pdf](http://www.ifch.unicamp.br/cteme/txt/Pedro_ATP.pdf)>. Acesso em: 12 jun. 2014.
- FRANKLIN, B. L.; BRAIDA, C. R. Sustentabilidade e máquina universal: uma crítica à ecologia profunda. SIMPÓSIO NACIONAL ABCIBER, V, Florianópolis, 2011. Florianópolis, UDESC/UFSC, 2011. Disponível em: <<http://simposio2011.abciber.com/anais/Trabalhos/artigos/Eixo%205/12.E5/114%20veeeeer.pdf>>. Acesso em: 26 maio 2014.
- FRANKLIN, B. L.; MONTEIRO, Silvana Drumond. Por uma economia do sentido. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 13., Rio de Janeiro, 2013. *Anais eletrônicos...* Rio de Janeiro: Fiocruz, 2012. Disponível em: <<http://www.eventosecongressos.com.br/metodo/enancib2012/arearestrita/pdfs/19084.pdf>>. Acesso em: 08 abril 2014.
- FRANKLIN, B. L.; MONTEIRO, S. D.; DELLA FLORA, J., VIGNOLI, R. G. A informação ilegal: o divórcio entre a máquina e a lei. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14., Florianópolis, 2013. *Anais eletrônicos...* Florianópolis: ENANCIB, 2013. Disponível em: <<http://enancib2013.ufsc.br/index.php/enancib2013/XIVenancib/paper/viewFile/126/174>>. Acesso em: 22 fevereiro 2014.
- GUATTARI, F. *Caosmose*. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- HODGES, A. Alan Turing and Turing machine. In: HERKEN, Rolf. *The universal Turing Machine*: New York: Spring Verlag Wien, 1996. Part I, p. 3-14.
- LEAVITT, D. *O homem que sabia demais: Alan Turing e a descoberta do computador*. São Paulo: Novo Conceito, 2007.
- LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 2000a.
- LÉVY, P. *Filosofia world*. Lisboa: Fundação Piaget, 2000b.
- MILNER, Jean-Claude. *A obra clara: Lacan, a ciência, a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- MONTEIRO, S. D. O ciberespaço: o termo, a definição e o conceito. *DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação*, v. 8, n. 3, p. 1-21, jun./2007. Disponível em: <[http://dgz.org.br/jun07/Art\\_03.htm](http://dgz.org.br/jun07/Art_03.htm)>. Acesso em: 02 fevereiro 2014.
- MOSTAFA, S. P.; MONTEIRO, S. D. O pragmatismo europeu: Wittgenstein e Gilles Deleuze. In: MOSTAFA, Solange Puntel. *Filosofia da diferença e a Ciência da Informação*. Rio de Janeiro: e-papers, 2013. p. 61-77.
- PEREIRA, V. A. *Ciberespaço: um passo da dança semiótica do universo*. 2000. Disponível em: <<http://souzaesilva.com/Website/portfolio/webdesign/siteciberidea/vinicius/textos/ciberespaco.pdf>>. Acesso em: 28 fevereiro 2014.
- PIEIDADE, M. A. R. *Introdução à teoria da classificação*. Rio de Janeiro: Interciência, 1977.
- SANTAELLA, L. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.
- SILVA, J. *Filosofias da Matemática*. São Paulo: UNESP, 2007.
- TEIXEIRA, J. de F. *Mentes e máquinas: uma introdução à Ciência Cognitiva*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.